



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Classes sociais, geração e Serviço Social

Sub-eixo: Juventude

LONGE DE CASA:

Trajetória acadêmica de mulheres estudantes da Universidade Federal do Recôncavo da
Bahia

JAMILE DE JESUS CIRQUEIRA ¹
JOSELI DE ALMEIDA MERCÊS ¹
LUARA RIBEIRO DE SOUSA ¹
CAMILA DE OLIVEIRA FARIAS ¹

RESUMO

O presente artigo tem como base as experiências de vida relatadas por alunas, na disciplina Pesquisa Social II - Métodos Qualitativos, do curso de Serviço Social, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Tendo como objetivo a compreensão acerca dos deslocamentos regionais diários e permanentes das estudantes até a finalização da graduação, entendida como estratégia para mobilidade social. A metodologia utilizada na pesquisa foi revisão bibliográfica e entrevista com quatro discentes que relataram os desafios do ingresso e permanência em universidade distante de suas moradias de origem e os impactos da pandemia da Covid-19 nesse processo.

¹ Estudante de Graduação. Universidade Federal Do Reconcavo Da Bahia

Palavras-chave: Jovens estudantes, deslocamento regional, mobilidade.

ABSTRACT

This article is based on the life experiences reported by students, in the Social Research II - Qualitative Methods course, from the Social Work course at the Federal University of Recôncavo da Bahia (UFRB). With the objective of understanding the daily and permanent regional displacements of students until graduation, understood as a strategy for social mobility. The methodology used in the research was a literature review and an interview with four students who reported the challenges of entering and staying at a university far from their homes and the impacts of the Covid-19 pandemic on this process.

Keywords: Young students, regional displacement, mobility.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge como resultado da disciplina Pesquisa Social II – Estudos Qualitativos, ministrada para uma turma de 25 mulheres, estudantes de Serviço Social, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, campus Cachoeira – BA, em 2022.1, em formato remoto.

No início do curso, foi proposto para a turma que escrevesse, de forma individual, um texto intitulado “Minha história de vida”, com o intuito de compartilhar aspectos significativos das trajetórias de vida até o presente momento.

A proposta teve um triplo objetivo: criar vínculo relacional através do compartilhamento de histórias, em um contexto ainda de inseguranças com relação à pandemia e às possibilidades de socialização presencial; orientar sobre o método de pesquisa qualitativa, fundamental ao trabalho do Serviço Social, incluindo a forma de entrevista História de Vida, que segundo Boni e Quaresma (2005), tem como principal função: “retratar as experiências vivenciadas por pessoas, grupos ou organizações.” (2005, p. 73); e por fim, situar as alunas como sujeitas e agentes de suas próprias histórias (KILOMBA, 2019).

Das vinte e cinco histórias de vida compartilhadas, vinte e duas narraram deslocamentos regionais, definitivos ou diários, em busca de oportunidades de estudo e trabalho, e este artigo tem como objetivo analisar os motivos, as bases e os impactos da mobilização de jovens mulheres em busca de qualificação universitária.

Os dados analisados foram obtidos através do método qualitativo, que permite focar na experiência de um grupo, no seu modo de vida e em suas percepções sobre a realidade vivida, pois se acredita que a densidade da experiência (MARTINELLI, 2008, p. 38) pode contribuir significativamente para pensarmos nos caminhos trilhados pela juventude, em um contexto político, social e sanitário extremamente desfavorável para construção de projetos de vida de autonomia e emancipação de futuras trabalhadoras.

Além de considerar as vinte e cinco histórias de vida recebidas em texto, foram realizadas quatro entrevistas qualitativas, no formato História de vida, visando captar o “conjunto da experiência vivida” (BONI E QUARESMA, 2005, p. 73) no âmbito educacional pelas jovens até o ingresso na UFRB.

As entrevistas e análises teóricas foram desenvolvidas pelas próprias alunas, em formato de roda de conversa, sob orientação da professora da disciplina, visando reforçar a capacidade analítica e reflexiva sobre nossa própria realidade, em consonância com o debate apresentado por Kilomba (2019), que diz: “aqui eu não sou a “Outra”, mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito. Eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como ato político” (2019, p.28).

2. DESENVOLVIMENTO

A. O Serviço Social como escolha de carreira

As quatro jovens entrevistadas ingressaram na faculdade no ano de 2018, com idades entre 20 e 24 anos, fase entendida pelo Estatuto da Juventude (2013) e identificada socialmente como período de juventude, que compreende idades entre 15 e 29 anos, podendo ser mais restrita ou mais prolongada, de acordo com a análise. Diversos autores (CAMARANO, 2006; BARROS, 2010; PAIS, 1990) têm analisado a complexidade desse período da vida, que não pode ser resumido à faixa etária, devido à heterogeneidade de vivências juvenis a partir de inserções de classe, gênero e raça.

A fase da juventude, sobretudo após a adolescência (comumente relacionada aos últimos anos de fase escolar), é entendida como o momento de transição para fase adulta (CAMARANO, 2006), em que se definem as estratégias e os caminhos a serem adotados no sentido de emancipação e independência em relação aos genitores.

Conforme foi possível observar nas entrevistas, em busca de transformar a realidade em que vivem, o acesso ao nível superior tem sido uma estratégia prioritária para jovens de classes populares. E tanto o ingresso quanto a permanência trazem desafios a serem superados cotidianamente.

Com relação ao ingresso no Ensino Superior, as quatro entrevistadas relatam inúmeras tentativas, a partir do término do Ensino Médio, apontando para uma trajetória de estudo e transição escola-universidade não-linear, diferente do que é observado nas camadas médias (BARROS, 2010). Ainda no final do período escolar, já havia a preocupação com recursos financeiros, levando-as a inserções formais e informais no mercado de trabalho, como recepcionista, atendente, babá e vendedora.

O curso de Serviço Social também aparece de forma estratégica para as jovens, pois não foi a primeira escolha de nenhuma das entrevistadas. A entrevistada A1 sonhava em cursar Direito, e chegou a ingressar em uma faculdade privada em Salvador, mas o alto custo de vida da cidade impediu que ela prosseguisse. Ela retornou para Santo Amaro, após

o primeiro período, e viu no Serviço Social, da UFRB, uma possibilidade de graduação mais próxima a sua residência (uma hora de distância, aproximadamente). Já a entrevistada A2, após algumas tentativas em locais próximos a sua cidade de moradia, Marabá-PA, optou pela vaga de Serviço Social, no interior da Bahia, pela oferta de vagas com nota de corte mais acessível à sua realidade. A entrevistada A3 mudou-se de Valença-BA para Santo Antônio de Jesus –BA para residir com a madrinha e cursar tecnólogo em Redes de Computadores, em faculdade privada, mas o sonho de estar em uma Federal permaneceu, até que ela conquistasse a vaga no Serviço Social, da UFRB. Já a entrevista A4 sonhava com Medicina e Enfermagem, por serem áreas que lhe pareciam familiares, até conhecer o curso de Serviço Social. Enquanto tentava o ingresso, saiu da zona rural de Cachoeira para trabalhar em uma empresa em Salvador, tendo retornado após a aprovação na universidade.

É possível observar que o curso de Serviço Social tem sido possibilidade de mobilidade e ascensão para meninas e mulheres, sobretudo pardas e pretas, pertencentes às classes populares, ao longo das últimas décadas, assim como as áreas de Enfermagem, Pedagogia e Licenciaturas, por exemplo. Algumas hipóteses para a escolha dessas áreas estão relacionadas à própria desvalorização de profissões de cuidado, em uma sociedade de classes. São cursos com menor concorrência e, portanto, menor nota de corte para o ingresso, devido à falta de prestígio social. Por outro lado, são profissões essenciais e com ampla cobertura em diversas instituições públicas e privadas, gerando assim uma gama maior de oportunidades de inserção no mercado de trabalho, por concurso ou contrato, a despeito da baixa remuneração.

Em um contexto de desemprego e desigualdades sociais crescentes, é comum ouvir dos mais velhos a recomendação para escolha de profissões de cuidado, pois “mesmo ganhando pouco, não faltará emprego.” E ainda, a carga horária e a própria organização da rotina de trabalho permite conciliação de vínculos, com objetivo de aumentar a receita mensal.

Cabe ressaltar também que a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB é um projeto recente, com fundação em 2006, sendo a segunda Universidade Federal no estado da Bahia. Possui uma proposta multicampi, atuando em diversas cidades do Recôncavo Baiano: Cachoeira, Santo Amaro, Cruz das Almas, Amargosa, Santo Antônio de

Jesus e Feira de Santana, tendo possibilitado um maior acesso de jovens do interior à universidade.

Sua implementação se dá através do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), criado pelo Governo Federal no intuito de democratizar o acesso ao Ensino Superior, ampliando oportunidades para a inserção de pessoas da classe trabalhadora tanto em instituições privadas como em instituições públicas. Esse processo foi de suma importância para o ingresso das estudantes entrevistadas, pois todas vieram do ensino público e de famílias de classe populares, tornando-se as primeiras de suas famílias a ingressar em uma Universidade Federal.

Pensar na democratização do acesso ao Ensino Superior faz-se necessário pois, em um passado recente, apenas quem tinha acesso ao conhecimento era uma determinada classe, que construiu as narrativas da história do país, promovendo assim o epistemicídio e o silenciamento de grupos discriminados que sofreram violências seculares e ainda foram impedidos de contar sua própria história. Segundo Carneiro (2005):

... o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso a educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento "legítimo" ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc.(CARNEIRO, 2005, p.97)

Com o acesso ao conhecimento acadêmico, as jovens entrevistadas e muitas outras atualmente conseguem lutar para promover para si e para os demais membros da família outro padrão e status de vida, em longo prazo.

É recente a ideia de que a filha da merendeira, da costureira, da agricultora, da dona de casa, da professora primária pode e deve estudar na mesma instituição que o filho da médica, da engenheira, da advogada. E o fato de a educação superior pública e de qualidade não ter sido pensada para esse público traz inúmeros desafios para a permanência e conclusão do projeto de ingresso na universidade.

B. Deslocamento para estudo

Um dos aspectos identificados como fundamentais no debate sobre inserção de mulheres estudantes em busca de mobilidade social na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia foi o deslocamento regional para concretização dos estudos. Tal aspecto merece atenção, pois representa um esforço individual significativo, que por muitas vezes, se torna insustentável e compromete o projeto de conclusão de curso superior.

As alunas da disciplina Pesquisa Social II sinalizaram em suas Histórias de Vida que a necessidade de deslocamento para estudar fez e se faz presente na vida delas. Algumas se deslocam de suas cidades diariamente para assistir às aulas, enquanto outras se deslocam permanentemente até a conclusão do curso de graduação. Dessa maneira, é primordial refletir acerca das demandas que emergem após o ingresso na universidade, pois a aprovação é apenas a ponta inicial do processo.

Pensar permanência na universidade é pensar no distanciamento de jovens ainda em formação do seio familiar; é pensar em como se manter em outra cidade, com novos gastos e novas demandas; e ainda, é pensar nas formas para o deslocamento (ir e voltar todos os dias, voltar no fim de semana, mensalmente ou se mudar de vez?), pois para quem vem de famílias pobres, o dinheiro raramente sobra com a manutenção de uma residência, e com a mudança, a família precisa dar conta de uma nova moradia ou transporte para longas distâncias para o membro deslocado.

Outro fator a ser considerado na transição do ensino escolar para o ensino universitário é a linguagem acadêmica falada, ensinada e exigida para textos escritos e lidos. Tal linguagem é diferente daquela do universo restrito que as jovens conheceram no Ensino Médio em escolas públicas e elas sentem o impacto, pela defasagem educacional, por não terem o conhecimento prévio de alguns temas tratados como corriqueiros na universidade.

Trata-se de um universo novo e leva tempo para adaptação e apreensão de novos conceitos, e esse tempo nem sempre é compreendido pelos profissionais que já dominam todos os códigos daquele espaço. No quesito avaliação, não existe recuperação, diferente do Ensino Médio, logo, se não houver um bom rendimento, a aluna terá que repetir a disciplina. O que representa mais tempo de estrada, mais tempo longe de casa e mais tempo para a conclusão do projeto de ascensão através do estudo.

Tal aspecto faz parte do conjunto de habilidades intelectuais a serem desenvolvidas ao longo do processo de graduação, entretanto, se forem desconectadas da realidade concreta das estudantes, pode representar uma barreira difícil de ser transpassada, levando a desistências e trancamentos.

É preciso considerar que o aproveitamento do conteúdo ensinado, a apreensão dos textos sugeridos para leitura, a participação em atividades extracurriculares e em pesquisa e extensão estão diretamente relacionadas a fatores externos a sala de aula, como: ambiente doméstico propício para estudo, tempo de descanso e lazer, boa alimentação, possibilidade de estabelecer rotina. Todos os fatores citados ficam profundamente comprometidos na vida de estudantes em deslocamento definitivo ou temporário.

A entrevistada A1 atualmente viaja diariamente de Santo Amaro para Cachoeira, um deslocamento que dura em média uma hora, além do tempo de espera do ônibus no ponto. A entrevistada A2 mudou-se do Pará para Cachoeira- BA, com o marido para cursar a faculdade. Ela está a 1.374 km de seu local de origem. A entrevistada A3 mudou-se de Santo Antônio de Jesus - BA para Cachoeira - BA sozinha, e divide apartamento com uma amiga. A entrevistada A4 mudou-se da zona rural para o centro de Cachoeira com a mãe, e retorna esporadicamente para sua casa no interior.

A entrevistada A1 relata lidar com as incertezas do deslocamento diário: a longa espera do ônibus da Prefeitura ou particular, horários não fixados, cancelamentos, quebra de ônibus e estradas à noite. Uma viagem de uma hora costuma dobrar de tempo por conta das variáveis citadas, fora a sensação constante de imprevisibilidade. As entrevistadas A2, A3 e A4 lidam com o custo de vida de Cachoeira: aluguéis altos, imóveis sucateados, poucos supermercados (gerando preços abusivos), e com o afastamento da família de origem: as visitas são poucas, pois o valor de deslocamento é alto. A assistência estudantil

existe: auxílio transporte, bolsa para alunos de baixa renda, bolsa de projetos de extensão, mas o valor não é suficiente para se manter sozinha, como estudante, em Cachoeira.

Além disso, não existe Restaurante Universitário na cidade de Cachoeira, o que poderia representar uma tranquilidade no orçamento doméstico e a Residência Estudantil não dá conta da alta demanda. As entrevistadas relatam sentir uma falta de cuidado da cidade com os estudantes, que representam uma parcela significativa de moradores, mesmo que em caráter transitório. E ainda, sentem falta do olhar da universidade para esses fatores externos. O processo seletivo para bolsa-auxílio, por exemplo, só acontece após o 1o semestre cursado. Ou seja, para essas jovens chegarem à universidade e permanecerem, precisam contar com suporte familiar.

C. Suporte familiar como base

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, por meio da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativa e Assuntos Estudantis (PROPAAE), propõe um conjunto de ações e políticas que visam contribuir com a permanência do estudante na instituição, denominado Programa de Permanência Qualificada (PPQ), que inclui a oferta de bolsas e auxílios para alunos que atendam aos critérios preestabelecidos nas normativas.

Contudo, a quantidade de vagas é bastante limitada se comparada ao quantitativo de discentes que se candidatam e precisam. Assim como, os valores disponibilizados não são suficientes para custear as despesas, principalmente, no atual momento social e econômico em que a população brasileira está enfrentando a alta de valores em produtos e serviços considerados básicos. Torna-se necessário que os alunos recorram a outros meios de apoio, sendo o principal, o suporte financeiro da família.

As quatro entrevistadas relataram que seus genitores têm uma média de escolaridade de 1º grau completo, atuando em empregos formais e informais de remuneração próxima a um salário-mínimo, como por exemplo, pedreiro, agricultor e merendeira. E ainda que, antes do ingresso na universidade, elas já apresentavam

preocupação em complementar a renda familiar exercendo atividades como babá, caixa de restaurante e vendedora autônoma.

Com a entrada na universidade, uma entrevistada relata fazer renda extra com papelaria personalizada e as quatro são assistidas pela PROPAAE. A1 recebe auxílio transporte no valor de R\$290,00, e A2, A3 e A4 recebem R\$425,00 correspondente a moradia sem Restaurante Universitário. Apesar de possuírem renda própria, todas recebem apoio financeiro dos seus genitores para se manterem, e esclarecem que sem o apoio, seria impossível continuar na universidade.

Em discussão realizada por Sarti (2004), a autora diz que “a família, como o mundo social, não é uma soma de indivíduos, mas sim um universo de relações” (2004, p.18), portanto, as relações construídas permeiam diversos aspectos e momentos da vida dos indivíduos, seja socialmente, culturalmente e economicamente.

O suporte familiar pode estar dividido em dois aspectos: material e imaterial. Com relação ao primeiro, logo após a aprovação, as futuras universitárias já precisam sair da cidade em que residem para realizar a matrícula. No caso das quatro entrevistadas, se deslocaram dos municípios de Santo Antônio de Jesus - BA, Marabá - PA, Santo Amaro - BA e Salvador - BA para efetuarem a inscrição na cidade de Cruz das Almas - BA. Posteriormente, para as que precisam residir na cidade que vão estudar, ocorre o custo com aluguéis, mudança, alimentação, conta de água, luz, internet, gás, medicamentos etc.

No que se refere ao segundo, o apoio e incentivo moral para que as alunas continuem no curso, apesar dos inúmeros desafios, é essencial, seja por meio de conversas, ou estímulo para atividades emancipatórias. Para uma das entrevistadas, mesmo estando distante fisicamente, a mãe é a principal base, sobretudo, ao final do semestre, quando a ansiedade aumenta e a vontade de desistir é enorme. De acordo com Sarti (2004), “a família, inclusive para os adultos, continua tendo essa função de dar sentido às relações entre os indivíduos e servir de espaço de elaboração das experiências vividas” (2004, p.17).

Para Borche e Viecili (2019), ao sair da casa dos pais e ingressarem no Ensino Superior, os universitários estarão vivenciando uma nova realidade até então desconhecida, ao mesmo tempo em que a relação pais e filhos é afetada. A distância física pode contribuir

para o sentimento de valorização da família, com apreciação maior de cada momento que se tenha em uma visita ou ligação, por exemplo. Em contrapartida, existe a possibilidade de vínculos se fragilizarem e romperem simbolicamente, devido ao afastamento geográfico e cultural que é imposto a família.

A dinâmica de afastamento/proximidade entre as alunas deslocadas e seus familiares é fluida, devido ao caráter transitório do deslocamento para estudo. Em alguma medida, os feriados, férias, festas de fim de ano irão impor a antiga lógica de convivência familiar para as alunas que se mudaram. No caso de algumas alunas entrevistadas, esse retorno ao lar foi imposto da forma mais radical, devido à pandemia da COVID-19.

D. Os impactos da pandemia no projeto de formação universitária

Em 2020, um novo desafio foi vivenciado tanto pelos universitários quanto por suas famílias. Em decorrência da pandemia da COVID-19, no dia 17 de março de 2020, através da portaria N°322/2020, a UFRB estabeleceu a suspensão das aulas presenciais dos cursos de graduação e pós-graduação de todos os campi da instituição, e conseqüentemente, as rotinas pessoais e acadêmicas dos estudantes foram alteradas.

Nesse período, algumas das bolsas disponibilizadas pela universidade foram suspensas, e houve aumento do desemprego pelo fechamento do comércio local. Sem a perspectiva concreta de um possível retorno seguro, acrescido das dificuldades para se manter na cidade, alguns dos discentes optaram por voltar para a casa dos pais, conforme abordado por duas das entrevistadas.

A entrevistada A3 retornou para cidade de Valença – BA, por não ter conseguido se manter em Cachoeira durante a pandemia. A entrevistada A4 entregou o imóvel alugado, e também retornou com sua mãe para moradia de origem, na zona rural de Cachoeira.

Esse retorno ocasionou mudanças significativas, com a readaptação a uma rotina familiar que outrora já não existia mais, promovendo embates e conflitos de pensamentos

intergeracionais, sendo necessário, reaprender a ter e reconhecer aquele espaço como pertencente a si novamente. Ademais, a falta de ambiente e recursos apropriados, como internet, notebook, celular com boa memória, para quem estava residindo em zona rural impactaram a continuidade dos estudos.

A entrevistada A2, que veio do Pará, relatou que sofreu muito com a distância da família, mas optou por permanecer em Cachoeira, com toda a dificuldade. Ela contou com suporte emocional e financeiro do marido, que se mudou com ela desde o início e também iniciou graduação na cidade, apesar de já ter uma formação anterior.

Foi possível observar que a pandemia trouxe mais um obstáculo para a trajetória acadêmica das estudantes analisadas: a incerteza da conclusão do curso. No primeiro ano da pandemia, a universidade foi obrigada a paralisar suas atividades com base na portaria Nº322/2020. Após cinco meses sem aulas, a faculdade aderiu ao sistema remoto, iniciado como teste em 14 de setembro de 2020, através da resolução de Nº 019/2020, que ofertou somente as disciplinas optativas. Entretanto, nem todos os alunos tiveram a oportunidade de se matricular, tendo em vista as falhas do sistema, por conta de uma grande procura; o número de vagas reduzidas e ainda, a impossibilidade de participação de alguns alunos pela falta dos recursos citados acima.

Foi a partir do segundo ano da pandemia, em 2021, que a universidade iniciou as matérias obrigatórias através das aulas remotas. Os alunos não poderiam cursar mais de quatro disciplinas, diferente do método presencial, onde os discentes não tinham limites de matérias para cursar. Um grande obstáculo que surgiu foi a ausência de matérias essenciais, que deixaram de ser ofertadas na pandemia, ocasionando atraso para muitos alunos que precisavam cumprir determinados créditos para concluir o semestre, de acordo com o organograma do curso.

No momento de escrita deste trabalho, as alunas se preparam para voltar ao ensino presencial, após terem iniciado o ano de 2022, em formato híbrido, com algumas disciplinas presenciais e outras em formato remoto. A partir desse retorno gradual, as duas entrevistadas que estavam em suas residências de origem, já estão instaladas em Cachoeira, a A3 dividindo apartamento com uma amiga e a A4 morando com a mãe. A1 teve que se readaptar aos deslocamentos diários e a A2 conseguiu encontrar sua família de origem no Pará apenas uma vez, nos últimos três anos.

O retorno ao presencial traz como questão primordial o debate sobre a saúde mental dos alunos, após longo período de confinamento, incertezas sobre futuro, paralisação de sonhos e impossibilidade de ação. Segundo Blando et al. (2021), “um estudo recente de Maia e Dias (2020), sugere que há um aumento significativo de problemas psicológicos - ansiedade, depressão e estresse - entre universitários durante a pandemia se comparado a períodos normais.” (2021, p.8)

Cabe a universidade e a comunidade desenvolverem estratégias de acolhimento e cuidado com esses jovens visando fortalecê-los no desenvolvimento de suas potencialidades e concretização de seus sonhos de transformação da realidade social em que estão inseridos.

3. CONCLUSÃO

A transição para a vida adulta é marcada principalmente pela busca por emancipação e independência financeira. Sair da casa dos pais e conseguir ingressar no mercado de trabalho, visando melhoria em cargos e, conseqüentemente, ascensão salarial fazem parte desse projeto de vida que começa a ser sonhado na juventude. Por isso, é de suma importância refletir acerca do Ensino Superior no Brasil, e os impactos que ele causa nessa transição para a vida adulta, visto que é uma estratégia central na busca por emancipação, sobretudo, para jovens de classes populares.

É nítido que ainda existe muita desigualdade, principalmente no que diz respeito a disputa de vagas, pois o ensino escolar público é defasado. E tal desigualdade não se encerra com o ingresso na universidade. Ainda faz-se necessário a construção de bases inclusivas no interior das instituições, para que o acolhimento e compreensão das diferenças socioculturais seja a regra.

Além disso, a instituição deve dar atenção às questões psicológicas como um fator de permanência, pois a inserção num meio novo, com restrições, normas e conflitos específicos traz novas questões para a realidade dos estudantes, que já possuem uma vida

repleta de tensões como questões familiares, fatores financeiros, e com a sua própria existência. A vida de um estudante não se baseia apenas na sala de aula, e falar sobre saúde mental uma vez por ano torna-se ineficiente, pois os problemas se estendem por todos os meses.

Pode-se dizer ainda que ao saírem do seio familiar e migrarem para outra cidade definitivamente ou diariamente, objetivando o acesso ao Ensino Superior público, é exigido um investimento amplo e custoso que apenas o esforço individual das alunas não é capaz de suprir. Por isso, foi possível concluir que essas jovens só estão conseguindo avançar, apesar de inúmeras dificuldades, porque contam com suporte familiar.

A formação universitária é um projeto individual, na medida, em que as jovens entrevistadas almejam chegar a lugares novos, nos quais seus genitores não conseguiram alcançar no passado, por questões estruturais. E ainda, a formação universitária é projeto coletivo, pois os pais e avós, mesmo não tendo tido oportunidade, acreditam na educação como caminho de melhoria de vida, e essa crença é fundamental para que as estudantes estejam conseguindo permanecer na universidade, apesar de todos os desafios mencionados.

Pode-se dizer, portanto, que as alunas não entram na universidade sozinhas, mas trazem com elas, uma legião que colabora para a manutenção do caminho trilhado.

Apesar da crise econômica e da precarização do sistema de Ensino Público, uma parcela de jovens mulheres oriundas de classes populares ainda acredita na escolaridade como meio de mobilidade e ascensão social, e juntamente com suas famílias optam por um investimento de anos, com privação de contato e exposição ao desconhecido, aliando recursos e esforços individuais e coletivos, na construção desse projeto de vida. Os programas governamentais de assistência estudantil, como bolsa auxílio, transporte e residência estudantil são fundamentais para a manutenção desse projeto, embora ainda não sejam o bastante para a manutenção na universidade, no contexto atual.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, A. M., LINS E BARROS, M. M. "Interlocuções: Antropologia e Serviço Social". In: SILVA, Ilda Lopes Rodrigues, MACÊDO, Myrtes de Aguiar (orgs.). O Social em Questão 19 – Serviço Social: pesquisa e intervenção. Rio de Janeiro: PUC- Rio. Departamento de Serviço Social, 2008.

BARROS, M.M.L. Trajetórias de Jovens Adultos: Ciclo de Vida e Mobilidade Social. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p.71-92, jul/dez. 2010.

BLANDO, A.; MARCILIO, F. C. P.; FRANCO, S. R. K.; TEIXEIRA, M. A. P. Levantamento sobre dificuldades que interferem na vida acadêmica de universitários durante a pandemia de COVID-19. Revista Thema, [S. l.], v. 20, p. 303–314, 2021. DOI: 10.15536/thema.V20.Especial.2021.303-314.1857. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/1857>. Acesso em: 24 ago. 2022.

BONI, V., QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Revista Eletrônica dos Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC. Santa Catarina: Em Tese, 2005.

BORCHE, N.C, VIECILI, J. As implicações da saída da casa dos pais na vida de jovens universitários. Repositório Universitário da Ânima. Florianópolis: UNISUL, 2019.

BRASIL. Lei nº 12.852. Estatuto da Juventude. Brasília: Diário Oficial da União, de 5 de agosto de 2013.

CAMARANO, A.A. "Considerações finais: Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?" In: CAMARANO A.A (Org.). *Transição para vida adulta ou vida adulta em Transição?* Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. A Construção do outro como não-ser como fundamento do ser. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, [S. l.], 2005.

EVARISTO, C. Vozes-mulheres. In: Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/24-textos-das-autoras/923-conceicao-evaristo-vozes-mulheres>

GOLDENBERG, Mirian A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GUERRA, Y. "A dimensão investigativa no exercício profissional". In: Serviço Social – Direitos Sociais e Competências Profissionais. Brasília: Ed. Cortez, 2009.

KILOMBA, G. Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINELLI, M.L. "Pesquisa qualitativa: um caminho para a intervenção profissional." In: SILVA, Ilda Lopes Rodrigues, MACÊDO, Myrtes de Aguiar (orgs.). O Social em Questão 19 – Serviço Social: pesquisa e intervenção. Rio de Janeiro: PUC- Rio. Departamento de Serviço Social, 2008.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude - alguns contributos. *Análise Social*, vol XXV, 1990.

SARTI, C.A. A família como ordem simbólica. *Psicologia USP*, 2004. p.11-28.

VELHO, G. Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987 e 2003. p.31-48;97-105.

_____. Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008. p. 123-132.